



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO

Juliana Vilas Boas de Rezende(UFRJ)

Maria Teresa Gonçalves Pereira. (UFRJ)

RESUMO: Com a ampliação do domínio e do alcance que a imagem empreende como linguagem, através das novas tecnologias e das demandas do mundo contemporâneo, este trabalho visa a inserir o estudo da imagem, em suas múltiplas acepções e possibilidades, na dinâmica das aulas de Língua Portuguesa, dentro do espaço privilegiado que é a escola. Considera-se tal ambiente propício, já que a expressividade da Língua Portuguesa é muitas vezes viabilizada e representada por meio das figuras de linguagem, estudadas em diversos segmentos do percurso escolar. Além disso, a atividade criativa do ser humano também se vincula à produção de imagens, mentais ou formalizadas, em produção verbal ou visual.

Palavras-chave: imagem, ensino, língua, linguagem.

ABSTRACT: This work aims at introducing the study of image and its multiple meanings and possibilities into the dynamics of Portuguese classes in the privileged context of school, since image magnifies the domain and reach of the language through the new technologies and demands of the contemporary world. The school environment was chosen because the expressiveness of the Portuguese language is frequently made possible and represented through figures of speech, studied in several segments of the schooling process. Moreover, the creative activity is also associated with the production of mental or formal images, and in verbal or visual production.

Keywords: image, teach, Portuguese language.

O futuro da escola, como instituição responsável pela efetivação do processo ensino-aprendizado, tem sido reiteradamente discutido e avaliado. Desde a coerência dos currículos escolares, empregados como diretrizes dos "fazer" em sala de aula, até o anacronismo entre os processos, meios e recursos utilizados no ensino das matérias e o avanço contínuo e veloz



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

das tecnologias, perpetua-se a sensação de suposta defasagem entre a escola e o mundo do qual faz parte.

Discute-se, há tempos, sobre a relevância daquilo que se ensina em contraponto com as demandas do dia a dia. Alguns educadores mobilizam-se, na forma de projetos extracurriculares, em propor atividades e ações focadas nos imperativos do cotidiano. Entretanto, o currículo tradicional, ajustado aqui ou acolá, recebe maior crédito e se mantém como centro do aprendizado. As necessidades de pareamento com as novas formas de pensar, decorrentes da preponderância dos estímulos por imagem, além das mudanças contundentes da sociedade contemporânea, refletem-se nas instituições de ensino na forma de projetos ou atividades complementares.

As questões levantadas sugerem a necessidade de reestruturação tanto das estratégias, postura e atuação do professor-educador, quanto do próprio contexto escolar, das defasagens da estrutura de ensino vigente. A consciência do papel fundamental do educador na construção de uma sociedade mais consciente e autônoma suscitou as ações.

Os estudos referentes à surdez e às relações entre pensamento e linguagem, empreendidas em pesquisa de iniciação científica¹, recebem atenção no atual trabalho, já que abordam a aquisição da Língua de Sinais Brasileira, língua espaço-visual, por crianças surdas em idade escolar. As crianças surdas, resguardado um ambiente linguístico de predomínio da Língua de Sinais Brasileira, por não contarem com a audição e conseqüente articulação da fala, desenvolvem o apuro do sentido da visão. Diante das circunstâncias, o aumento da sensibilidade visual produz alterações nas articulações dos processos cognitivos.

O entendimento das transformações na cognição do indivíduo surdo, pelo domínio de uma língua espaço-visual, pela preponderância da imagem na apreensão de sentido, reiterou o interesse pelas possíveis variações cognitivas em indivíduos ouvintes, em função da superabundância da imagem na transmissão de informações na sociedade contemporânea.

¹ VILAS BOAS, J. Estudo sobre o desenvolvimento cognitivo em crianças surdas sem domínio de língua, UERJ/CNPq 2001-2002.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

O trabalho empreendido objetiva, portanto, discorrer acerca do texto não-verbal, especificamente em sua concepção imagética, e sua composição, em atividades pertinentes às aulas de Língua Portuguesa, como coadjuvante do texto verbal.

A premissa de Platão e Fiorin (1997, p. 374) reforça a motivação do estudo: “todas as linguagens devem concorrer harmoniosamente para expressar o mesmo sentido”.

A existência de uma intenção, de determinada finalidade, é inerente a qualquer ação comunicativa e motivará a escolha dos meios utilizados para o estabelecimento do entendimento desejado. A busca pela eficiência da expressão e da comunicação, o esmero em alcançar a compreensão dos receptores da mensagem emitida, constitui a dinâmica da interação e recorre ao caráter complementar das linguagens, bem como ao processo associativo de leituras.

A linguagem, capacidade humana de criar códigos e dispositivos para a comunicação, é compreendida em sua possibilidade verbal e não-verbal. A linguagem não-verbal está restrita, no presente estudo, às representações cujo suporte é a imagem.

Vislumbra-se, então, a imagem como forma de comunicar, que abrange a capacidade visual do indivíduo e coopera com os mecanismos verbais de interação, a fim de apurar o processo de significação que “acontece toda vez que nos apropriamos de um código e, por meio dele, nos fazemos entender” (Aguiar, 2004, p. 54).

Tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não-verbal têm como vocação a capacidade de expressar sentidos, de comunicar ideias. Embora utilizem signos diferentes, de natureza distinta, os dois tipos de linguagem recriam e transformam a realidade conforme a concepção daqueles que os produzem. Os signos são combinados obedecendo a certas leis e mecanismos de organização próprios a cada linguagem. Enquanto a disposição do texto verbal, na maioria das vezes, é linear, o texto não-verbal conta com a ocorrência simultânea de signos.

Apesar de muitos processos da linguagem verbal encontrarem correspondência em linguagens não-verbais, é notória a percepção de que cada linguagem detém sua própria morfologia.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

A complexidade estrutural das linguagens humanas nos informa, portanto, a respeito da complexidade humana. As dimensões culturais, sociais, estruturais, e da própria identidade atuam e interferem na produção e elaboração de significados.

Desta maneira, é possível recorrer à Teoria Inatista, formulada por Noam Chomsky (1971), a fim de abordar a capacidade humana para a aquisição de uma língua e seu pleno desempenho. A teoria é sustentada pela premissa de que todo indivíduo possui um aparato cerebral responsável pela capacidade linguística humana, denominada Competência Linguística. Competência revertida em desempenho compulsório de tal função.

A Competência e o Desempenho linguísticos, pertinentes ao ser humano, podem ser atestados quando pensamos na tradição oral e na tenacidade dos contos, fábulas, lendas e parábolas que se perpetuaram na história, resistiram ao tempo, difundidos em vasto domínio geográfico, que chegam ao século XXI, em novas linguagens e através de releituras. Muitas narrativas populares foram recolhidas da tradição oral e recontadas a partir do século XVIII. Tais histórias, permutadas em todo território europeu e áreas vizinhas, tratam de aspectos do comportamento humano e mostram-se atualizadas; o que confirma o valor da linguagem na concepção e formação do indivíduo.

Assim, desde tempos remotos, o comportamento humano é registrado, as ações e percepções humanas compendiadas, processos que dizem respeito às vivências e apreensões dos indivíduos assinalados, devido ao potencial linguístico inerente ao ser humano. Este potencial permite que a história seja demarcada através do tempo e estudada, apurada, relida e registrada. A língua, instrumento viabilizador de tal empreitada, reitera seu amplo domínio e riqueza de utilização.

A aptidão linguística amplia os horizontes e as possibilidades de atuação humana, a capacidade visual igualmente maximiza suas ações. Estudos recentes indicam a existência de determinada competência visual da qual o indivíduo é dotado, e que desde o seu nascimento, em situações consideradas comuns, tal capacidade é exercida espontaneamente.

Hoffman (2000, p. 14) estabelece um paralelo com a concepção inatista formulada por Chomsky: "O presente argumento em prol de regras da visão universal é paralelo a um argumento



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

famoso, colocado pelo linguista Noam Chomsky, em defesa de regras da gramática universal, que permitem a aquisição e o exercício da linguagem”.

A competência visual é tida, tal qual a competência linguística, como um potencial exercido de maneira corriqueira que, no entanto, detém um esforço construtivo bastante complexo. Embora a recepção da imagem ocorra automaticamente, desde sua apreensão até sua identificação através de processos cerebrais, “[...] a visão não é meramente um produto da percepção passiva, ela é um processo inteligente de construção ativa. O que você vê é, invariavelmente, aquilo que sua inteligência visual constrói” (Hoffman, 2000, p. X).

Tanto o potencial linguístico quanto o potencial visual, cada um com suas especificidades e aparato estrutural peculiar, são analisados, então, como atributos do ser humano, que integram um todo complexo e concorrem para atender a necessidades diversas do indivíduo, muitas vezes em cooperação.

A concepção de signo linguístico do mesmo modo reflete com precisão a relação entre linguagem verbal e imagem, linguagem não-verbal. Conforme Saussure (1969, p. 80), o signo linguístico “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial [...]”. O signo linguístico é, portanto, a junção de um dado conceitual com a imagem acústica produzida mentalmente, seu respectivo significante, face sensível do signo ligada ao significado. Ainda a respeito do signo, existe o referente: elemento do mundo extralinguístico, real ou imaginário, ao qual se refere o signo linguístico, em determinado contexto sociocultural e de discurso.

O fato de um estímulo verbal evocar uma representação em imagem ou encontrar desdobramento em perspectiva visual ampara a ideia de uma cooperação entre linguagem verbal e não-verbal na expressão de sentidos e da inclinação humana para apreensão dos mesmos, por meio de tais linguagens.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Cabe ressaltar, ainda com o objetivo de estabelecer vínculos entre imagem e palavra, o papel da escrita e a fundação de uma “sociedade grafocêntrica”² gerados pela disseminação do livro e consequentes desdobramentos no âmbito cultural. A palavra escrita não deixa de ser uma imagem e, portanto, “[...] pode-se afirmar que escrita e imagem estão indissociavelmente ligadas, seja porque têm sua origem no traço, seja porque há escritas pictográficas, seja porque se complementam ou se justapõem em livros, revistas, cartazes etc”³.

A atividade criativa do ser humano também se vincula à produção de imagens, mentais ou formalizadas, em produção verbal ou visual. A expressividade da Língua Portuguesa é muitas vezes viabilizada e representada por meio das figuras de linguagem, estudadas em diversos segmentos do percurso escolar.

O elemento simbólico, por seu caráter figurado, alegórico, possibilita a existência de lacunas a serem preenchidas no texto, verbal ou não-verbal. Os denominados “vazios significativos”, designados por Barthes (2002, p. 19), referem-se à incompletude da escritura, aos espaços que serão preenchidos posteriormente pelo leitor no ato da leitura. Tais espaços solicitam a participação do receptor na apreensão de sentidos.

No que diz respeito às produções em imagem, o aspecto inconcluso é alcançado através da justaposição de elementos, da transposição de nexos lógicos, das sensações fomentadas por meio dos recursos utilizados, dos métodos empregados.

Como nas representações não-verbais, o texto literário, simbólico por excelência, gera várias possibilidades de leitura. O leitor, através das próprias escolhas decorrentes de seus conhecimentos prévios, suas vivências, sua visão de mundo, preenche os desvãos deixados pela tessitura empreendida.

O poeta, o literato, quando tece uma rede de imagens que vão compondo o seu texto, fomenta as condensações de sentido e aproxima palavras que, dentro de uma semântica lógica, não teriam nenhuma relação. Aguiar (2004, p. 35) acrescenta:

² WALTY, I. L. C., FONSECA, M^a. N. S., CURY, M^a. Z. F. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. 2006, p.21.

³ *ibidem*, p.16.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

A construção textual nos permite trabalhar ainda a formação de imagens na leitura, desvendando a capacidade dos recursos linguísticos de concretizar significados ao mesmo tempo em que os disseminam. Ou seja, numa simples descrição ou no uso de complexas metáforas e metonímias, o texto verbal pode conter a força de uma imagem propriamente dita.

Quanto à relação que se estabelece entre língua e sociedade, é possível assegurar que tanto a comunicação, marcada pela criação e uso de múltiplas linguagens, quanto o domínio de uma língua qualquer são essenciais para a vida humana e sua organização social. Além disso, os textos verbais e não-verbais são marcados pelo modo de ser e visão de mundo daqueles que os produzem. Assim como reflete a dimensão social, na qual se insere, um texto assinala aspectos da subjetividade daquele que o elabora.

A produção de enunciados está ligada diretamente ao contexto do qual fazem parte os emissores, considerando fatores das respectivas identidades. À medida que troca mensagens, um grupo de coenunciadores altera e adapta códigos a novas realidades, transformando, assim, o ambiente do qual faz parte.

A multiplicidade de linguagens é proporcional às necessidades surgidas dentro de uma sociedade, que providencia modos de comunicação que deem conta das situações vivenciadas por seus membros. De tal modo, as invenções tecnológicas alteram o cotidiano das pessoas e trazem novas possibilidades de produção e leitura de signos. Aguiar (2004, p. 7) refere-se igualmente às transformações no suporte:

A figura do livro, hoje ameaçado frente aos recursos da tecnologia informacional, com fortes consequências no mercado editorial e no reduto das escolas, serve de fio condutor para nossas reflexões sobre a



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

relação escrita/ imagem e o ato de leitura. A leitura é um processo associativo que promove a interação “escrita e imagem”.

A afirmação acima, ao mesmo tempo em que assegura o caráter social do livro, demonstra as alterações promovidas pelo desenvolvimento contínuo e crescente das novas tecnologias. O livro, suporte tanto de textos verbais quanto não-verbais, se instalou na sociedade, promovendo modificações contundentes e, desde então, figura como instrumento de propagação de saber. As novas tecnologias, no entanto, ameaçam a anterioridade da cultura livresca, apresentando novas formas de difusão de informações.

Discutir o futuro e a função do livro na contemporaneidade tem relação direta com o questionamento acerca das práticas educativas e do papel da escola na vida dos indivíduos. O caráter social do livro reflete, desta maneira, o caráter social da escola. As dificuldades relativas ao livro se associam às dificuldades encontradas nas práticas educativas.

A perspectiva traçada torna imprescindível ressaltar a difusão de novas tecnologias que, traduzidas em novas formas de linguagem, de interação, caracterizam a sociedade contemporânea. Os mais diversos aparatos tecnológicos confirmam, então, a primazia do estímulo visual, o papel da imagem na transmissão de informações, e ganham lugares privilegiados no dia-a-dia das pessoas.

Muitas vezes, entretanto, é de modo marginal que estas tecnologias alcançam o cenário escolar. Existe um abismo entre os avanços tecnológicos e sua utilização na escola em prol da comunicação de conhecimento. Apesar das novidades no campo tecnológico e do seu crescente alcance em diversas áreas de interesse do público em idade escolar, o sistema de ensino vigente não tem acompanhado tal demanda, em vista das dificuldades em agregar os novos recursos e linguagens às ações educativas. Como assinala Libâneo (2003, p. 24), “a escola defronta-se, de fato, com novas realidades, novas exigências”.

A afirmação de Alfredo Veiga-Neto (2003, p. 110) reitera a dificuldade pela qual a escola passa: “sentimos que a escola está em crise porque percebemos que ela está cada vez mais desencaixada da sociedade”. Assegura, ainda, que a escola passa por uma ‘crise’



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

decorrente “do descompasso entre as práticas escolares e as rápidas modificações espaciais e temporais que estão acontecendo no mundo atual”.

A relevância da escola na educação e na constituição do indivíduo é incontestável. Inúmeros estudiosos se ocuparam e ainda se ocupam em buscar soluções pedagógicas, novas filosofias educacionais, novos métodos de transmissão de conhecimento, na certeza de que qualquer mudança no âmbito da escola repercute das transformações nas dinâmicas sociais.

Contudo, a exposição oral ainda ocupa posição privilegiada nas salas de aula, amparada pela modalidade escrita da língua. Existem limitações, pois o conteúdo proposto, norteado por ideias abstratas, é veiculado sem o apoio da dimensão concreta da linguagem visual.

Com a crescente ampliação de domínio e alcance que a imagem empreende como linguagem, através das novas tecnologias e das demandas do mundo contemporâneo, este trabalho visa a inserir o estudo da imagem, em suas múltiplas acepções e possibilidades, na dinâmica das aulas de Língua Portuguesa, dentro do espaço privilegiado que é a escola, ambiente considerado propício, já que o estudo da língua tangencia o estudo das linguagens, em que se incluem as não-verbais.

As teorias e análises postuladas neste estudo servirão, desta forma, para otimizar a apreensão de conhecimento da Língua Portuguesa, dentro do contexto inovador das tecnologias e considerando as complexidades do indivíduo que aprende.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

ALKMIN, Tânia. “Sociolinguística –parte 1”. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. 13ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRASIL/SEMTEC. PCN+ Ensino Médio. orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC/ SEMTEC, 2000. Online: disponível na internet via <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/02Linguagens.pdf>

CHOMSKY, Noam. *Novas perspectivas linguísticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

COSCARELLI, Carla Viana (org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERNANDES, Eulalia. “O som, este ilustre desconhecido”. In: SKLIAR, Carlos. *Surdez e educação*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

HOFFMAN, Donald. *Inteligência Visual: como criamos o que vemos*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

KON, Sergio. *Imagem: da caverna ao monitor, a aventura do olhar*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

LÈVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 13ªed. São Paulo: Editora 34, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. “A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã”. In:

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

PLATÃO, Francisco S. & FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto: leitura e Redação*. 5ª ed. São Paulo: Àtica, 1997.

SANTAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

SLOBIN, Dan Isaac. *Psicolinguística*. São Paulo: Nacional/ USP, 1980.

SOUZA, Solange Jobim e. & NETO, Miguel Farah. “A tirania da imagem na educação”. *Presença pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, vol. 4, n. 22, jul./ago. 1998, p. 28-33.

VANOYE, Francis. *Usos da Linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. 13ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. “Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade”. In: COSTA, Marisa V. (org.) *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.103-126.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

VILAS BOAS, Juliana. *O papel da imagem na transmissão do conhecimento: sua relevância no ensino*. 101f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

WALTY, Ivete Lara C. FONSECA, Maria Nazareth S. & CURY, Maria Zilda F. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Juliana Vilas Boas: aluna do doutorado em Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Língua Portuguesa. Pós-graduada em Literatura infanto-juvenil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Profª. Drª. Maria Teresa Gonçalves Pereira: professora da Pós-graduação em Letras e Coordenadora da linha de pesquisa “Ensino de Língua Portuguesa: história, políticas, sentido social, metodologias e pesquisa”, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro